

algarve.
o segredo
mais famoso
da europa

loulé

concelho

2013 . 3.ª Edição

Loulé

A vida cosmopolita de grandes centros turísticos. A longa fita de areia macia e dourada emoldurada pelo azul do mar e pelos ocres fortes das arribas. O esplendor dos azulejos numa capela que é um tesouro de arte. Os cambiantes de verde dos pomares e da vegetação silvestre nas serranias.

As muitas formas das chaminés brancas, feitas de filigrana e arte. Os grandes espaços onde se recupera a solidão. O silêncio da natureza. Partes de um percurso de luz e cor, de vida e alegria, no concelho de Loulé.

HISTÓRIA DO CONCELHO DE LOULÉ

Tal como acontece um pouco por todo o Algarve, achados de superfície permitem datar do Paleolítico os primeiros vestígios da presença do homem. As manifestações do Neolítico (4000 a 1500 a.C.) são, porém, mais variadas e significativas.

Desde o Calcolítico até ao período do domínio romano, explorações mineiras - nomeadamente na área de Alte - fixaram populações no interior.

Com os romanos, existiram no litoral vários centros de pesca e de salga de peixe, dos quais a "villa" do Cerro da Vila, em Vilamoura é o melhor documentado.

Achados arqueológicos permitiram determinar que os romanos habitaram, também, o local onde se ergue o castelo de Loulé.

Se a ocupação visigótica não deixou vestígios, o mesmo não pode dizer-se da islâmica (sécs. VIII a XIII), da qual Loulé era um centro urbano de certa importância.

A reconquista cristã, em 1249, e a política seguida em todo o Algarve de manter a população muçulmana, embora habitando em bairros extramuros - as mourarias -, permitiu a Loulé prosseguir o seu desenvolvimento. A criação de uma feira, em 1291, tornou Loulé num dos grandes centros comerciais do Algarve medieval.

Vila do interior, Loulé não beneficiou de forma direta com os Descobrimentos (sécs. XV e XVI) e, por esse motivo, não teve o surto de desenvolvimento de outros centros do litoral como Lagos, Faro e Tavira.

A importância económica dos produtos agrícolas, sobretudo dos frutos secos - como as amêndoas e os figos -, e das produções artesanais manteve-se durante séculos.

A tentativa de trazer para Loulé, nos finais do séc. XVIII, o cultivo do bicho da seda e o fabrico da seda - na ainda existente Quinta do Rosal - teve poucos anos de vida. Igual insucesso teve a produção de tecidos de juta e linho para sacos em teares manuais que, embora próspera nas primeiras décadas do séc. XX, veio a terminar por meados dos anos 70.

Loulé, sede do concelho com maior área do Algarve, é hoje uma cidade em crescimento, com uma moderna e dinâmica economia diversificada, tendo o turismo como um dos seus vetores principais.

VISITAR LOULÉ

As evocadoras ameias de um castelo medievo. O dédalo de ruas estreitas e brancas onde artesãos mantêm velhas tradições. As linhas verticais do minarete de uma antiga mesquita. Os horizontes amplos de um venerado santuário no topo de uma colina. Aspetos de Loulé, cidade de contrastes e encantos.



CASTELO

Ocupando um canto saliente da colina onde se ergueu a primitiva povoação, integrava o conjunto de muralhas, com cerca de 940 metros de perímetro, que a defendiam. Origem possivelmente anterior à reconquista cristã (séc. XIII).

Três torres, um torreão e parte das muralhas com caminho de ronda definem a estrutura defensiva. No seu interior, a alcaidaria – local de residência do alcaide – que, com possível origem no séc. XIV, sofreu remodelação no séc. XVIII. A alcaidaria recebeu a visita dos reis D. Pedro I, em 1359, D. Afonso V, em 1458, após a conquista da praça norte-africana de Alcácer Ceguer, e D. Sebastião, em 1573. No pátio do castelo, um poço, algumas pedras medievais e o arco da antiga porta de ligação à povoação.



Castelo - LC

MURALHAS DE DEFESA

Duas torres e alguns panos de muro por entre as habitações é tudo o que resta das muralhas medievais.

IGREJA DA MISERICÓRDIA

Edifício do séc. XVI, com um portal manuelino de tipo radiado, com calabres, fechado por dois pináculos. Frente ao pórtico, um cruzeiro do mesmo período com as imagens de Cristo e de Nossa Senhora. O retábulo de talha da capela-mor é um trabalho singelo do séc. XVIII, mas contém duas imagens do séc. XVI, uma delas em alabastro proveniente do antigo Convento da Graça.

ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Edifício da segunda metade do séc. XVII, de exterior singelo, no lugar de um oratório do séc. XVI, adossado a uma das portas das muralhas. O seu interior contém, porém, um valioso revestimento de azulejos representando cenas da vida da Virgem e um rico retábulo de talha dourada. No teto, um painel representa a Virgem, obra do pintor algarvio Rasquinho (séc. XIX). As imagens são, igualmente, bons exemplos da escultura religiosa do período.

IGREJA MATRIZ DE SÃO CLEMENTE

Construída provavelmente no local de antiga mesquita. Edifício do terceiro quartel do séc. XIII, integra-se, segundo os especialistas, no estilo gótico meridional. Sofreu alterações posteriores, sobretudo nos sécs. XVI e XVIII.

Fachada com pórtico ogival envolvido por um gablete e um óculo. Porta lateral gótica.

Torre sineira proveniente da adaptação de um minarete muçulmano – local de chamada dos fiéis à oração –, com decoração terminal barroca.

No interior da torre, junto à porta, está encaixada uma coluna antiga, de origem desconhecida. Interior de três naves, de arcos ogivais assentes sobre capitéis com folhagem que, pela decoração, são possivelmente obra de artistas muçulmanos. As colunas com diferentes alturas parecem ser um aproveitamento de materiais romanos ou árabes. Altar-mor com retábulo de talha dourada do séc. XVIII e imagens do mesmo período.

Entre as capelas laterais, três merecem referência especial. Em primeiro lugar, a de Nossa Senhora da Consolação com arco e teto em abóbada manuelinos (séc. XVI), revestida com azulejos historiados e retábulo em talha do séc. XVIII. Seguidamente, a capela de São Brás com um arco do séc. XVI, retábulo de talha policroma do séc. XVIII e uma valiosa imagem do patrono, do séc. XVI. A terminar, a Capela das Almas, do final do séc. XVI, que para além de um bonito retábulo de talha do séc. XVIII, tem as paredes revestidas com azulejos policromos muito raros do séc. XVII, provavelmente de fabricação espanhola.

Outros retábulos de talha dourada do séc. XVIII e um valioso núcleo de imagens dos sécs. XVII e XVIII, que inclui um São Crispim pertencente à Confraria dos Sapateiros, ofício tradicional dos descendentes dos árabes, e as Nossas Senhoras da Graça e do Carmo, de boa escultura, completam o património da igreja matriz.

A sacristia guarda paramentos e algumas peças de ourivesaria dos sécs. XVI, XVII e XVIII e tem, no meio, uma interessante mesa em mármore.

IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO

Exteriormente, de pouco valor arquitetónico. No retábulo de talha dourada do altar-mor (séc. XVIII), de bom lavor, destaca-se o sacrário composto por um pelicano, de grande efeito decorativo.

CONVENTO DO ESPÍRITO SANTO

Edifício dos sécs. XVII/XVIII, sofreu grandes estragos com o terramoto de 1755. Expropriado no séc. XIX, foi recentemente adaptado a espaço cultural, contendo a Galeria de Arte Municipal.



Convento do Espírito Santo - LC

MUSEU MUNICIPAL

Instalado no edifício da antiga alcaidaria, no castelo. A sua coleção abrange a arqueologia industrial do concelho. A alcaidaria contém, igualmente, o Arquivo Histórico Municipal e uma cozinha tradicional algarvia.

ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE (MÃE SOBERANA)

Localizada sobre um outeiro, é um magnífico miradouro da cidade, dos campos em redor e do mar. A atual ermida, do séc. XVIII, ergue-se no local de edifício mais antigo. Estrutura arquitetónica singela. Altar-mor com retábulo de talha do séc. XVIII. A imagem da padroeira, de expressão dramática, é do séc. XVII. Numa das paredes, uma cruz em azulejo, com figuração do séc. XVIII. A multissecular devoção à Mãe Soberana, que abrange Loulé e um vasto círculo do Algarve, tem o seu ponto máximo no segundo domingo após a Páscoa, em que o seu andor é levado por um grupo de homens, em passo de corrida, pelo íngreme caminho de acesso.

Junto à ermida existe também um santuário.



CONVENTO DA GRAÇA

Do antigo convento apenas resta o portal gótico da igreja, com capitéis de decoração vegetal. No gablete mutilado, uma estrela formada por dois triângulos cruzados, símbolo ainda não decifrado.

CONVENTO DE STO. ANTÓNIO

Localizado à saída para Boliquiteime, do convento foi restaurada uma parte. Abre ocasionalmente com exposições.

NÚCLEO MUSEOLÓGICO DOS FRUTOS SECOS

Possui antigas máquinas de partir amêndoa, de triturar alfarroba e outros objetos relacionados com esta atividade.

AS MINAS DE SAL-GEMA DE LOULÉ

Dos muitos quilómetros de galerias que se estendem sob Loulé, entre os 230 e os 270 metros de profundidade, é extraído sal-gema de grande pureza (teor superior a 90 por cento). Uma curiosidade de Loulé que, por enquanto, não é atrativo turístico.

CENTRO HISTÓRICO

O quadrilátero irregular da muralha medieval guarda muito do ambiente de outros tempos. Converte para um passeio por ruas sinuosas e estreitas, descobrindo aqui uma casa encantadora, ali a surpresa de um jardim, acolá uma ermida junto a uma antiga porta.

Importa também percorrer a parte da cidade que rodeia as muralhas, onde ainda se descobrem artesãos no seu labor secular, recantos como o pitoresco da Rua dos Arcos ou da fonte da Bica Velha, tão procurada em tempos idos pelas mulheres e aguadeiros.

Não acaba aqui a visita a Loulé. Falta penetrar no mercado, ao gosto árabe do início do séc. XX, com o seu colorido e bulício. Ou percorrer a Praça da República e outras ruas onde os burgueses ostentavam a sua riqueza numa arquitetura fantasista.

conhecer o concelho de loulé

QUERENÇA

O ambiente de uma tradicional aldeia algarvia, numa povoação de casas brancas e pequenos jardins.

IGREJA MATRIZ 18

Edifício com origem no séc. XVI. Sofreu alterações posteriores. Fachada com portal manuelino (séc. XVI), de decoração singela. Portal lateral da mesma época. Altar de capela-mor e capelas laterais com retábulos de talha dourada (séc. XVIII). Entre as imagens merecem destaque uma Virgem e o Menino, do séc. XVI, e uma Nossa Senhora da Assunção, do séc. XVII.

No largo da igreja, um interessante cruzeiro assente sobre uma rocha calcária.

SÍTIO CLASSIFICADO DA FONTE BENÉMOLA

Local de paisagem aprazível atravessado por uma ribeira. Nas suas margens habitam algumas espécies vegetais pouco comuns no Algarve – salgueiros, freixos e folhados –, além de aloendros, choupos e tamargueiras. Nas encostas do vale encontramos vegetação típica do barrocal algarvio como o alecrim, o rosmaninho, o tomilho, a esteva, o zambujeiro, o sobreiro e a alfarrobeira. Entre a fauna, destacam-se a lontra, a grande diversidade de aves e algumas colónias de morcegos. Percursos pedestres de visita. Na área do parque situam-se grutas com fragmentos arqueológicos. No acesso, o miradouro do Cerro dos Negros, com amplos panoramas que abrangem o litoral e o mar.



SALIR

O casario branco da aldeia espalha-se pela colina, envolvendo as ruínas do castelo. As ruas estreitas continuam a manter a tranquilidade, o branco da cal e as flores.

IGREJA MATRIZ 20

Do ponto de vista arquitetónico é pouco valiosa. Guarda, porém, um pequeno tesouro: uma bula papal de 1550 em pergaminho com iluminuras. Os retábulos em talha dourada do séc. XVIII e imagens dos sécs. XVII e XVIII completam o património do templo.

CASTELO 21

O facto de não ter uma alcáçova faz supor ter sido construído nos sécs. XII/ XIII para proteger os camponeses que cultivavam os campos de um ataque cristão. Conquistado pelos cavaleiros da ordem de Santiago, após a tomada de Tavira. Nele aguardou o mestre da ordem, D. Paio Peres Correia, a chegada do exército do rei D. Afonso III (1249-1250), para a conquista de Faro.

As suas muralhas construídas em taipa são um dos poucos vestígios de fortificações muçulmanas em Portugal. Escavações arqueológicas puseram a descoberto uma área residencial árabe e confirmaram que parte de Salir está construída no local da antiga fortificação.

O castelo é um excelente miradouro, abrangendo vastos panoramas de serania e, em direção ao mar, de colinas verdejantes.

A TAIPA COMO MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

Método de construção com origens pré-históricas, a taipa foi utilizada pelos muçulmanos para construir fortificações, como o castelo de Salir, e para edificar casas, prática que se manteve no Algarve até há poucas dezenas de anos.

Duas das suas vantagens são o baixo custo e o excelente isolamento térmico que proporciona. Constituída por areia, brita e argila amassadas - a que se juntava cal no caso de utilização militar, tornando-a mais resistente -, a taipa era vertida em moldes de madeira e, em seguida, fortemente batida com malhos. Depois de cada camada estar seca, repetia-se a operação até se atingir a altura desejada.

SÍTIO CLASSIFICADO DA ROCHA DA PENA

Relevo calcário marcado por escarpas abruptas, a Rocha da Pena eleva-se até aos 479 metros, tornando-a num miradouro natural de vastos panoramas que abrangem o mar.

O principal interesse da Rocha da Pena está, porém, no seu património arqueológico e natural.

As suas grutas e a dupla muralha de pedra que definem antigas defesas apontam para uma presença humana desde o Neolítico até à ocupação muçulmana. A vegetação, além de alguns endemismos portugueses, inclui o medronho, o alecrim, o rosmaninho, a aroeira, o zimbro e a esteva, algumas orquídeas espontâneas e o carvalho cerquinho, entre outras espécies.

Também a fauna é valiosa e variada, pois inclui, além de outras aves, colónias de águias de Boneli e bufos reais, morcegos e pequenos carnívoros como as ginetas, as raposas e os saca-rabos.

Entre as curiosidades da Rocha da Pena estão os dois velhos moinhos de vento e a pitoresca povoação da Penina que, numa das suas casas, tem uma bonita chaminé construída em 1821. Percursos pedestres de visita.

ALTE

Aldeia mais típica do Algarve no dizer de muitos, Alte tem a sua origem na ocupação romana. As ruas do centro histórico mantêm muito do seu carácter nas casas caiadas, nas janelas e platibandas debruadas a cor, nas chaminés rendilhadas e na tranquilidade envolvente. O espaço em redor da igreja é um encantador "postal turístico" do verdadeiro Algarve.

IGREJA MATRIZ²⁴

Edificada no séc. XIII pela mulher do segundo senhor de Alte como agradecimento por este ter regressado da oitava cruzada à Palestina. Sofreu modificações posteriores, sobretudo nos sécs. XVI e XVIII.

Interior de três naves, com colunas atarracadas revestidas com tijolo para suporta o peso. Capela-mor com arco triunfal manuelino, parcialmente oculto por moldura em madeira. Abóbada artesoadada com fechos decorados. Paredes e abóbada revestidas com azulejos do séc. XVIII.

A capela de São Sebastião tem notáveis azulejos policromos sevillhanos, do final do séc. XVI. Os retábulos de talha das capelas de Nossa Senhora do Rosário e de São Francisco, que ostentam o brasão dos condes de Alte, são bons exemplos da arte do séc. XVIII.

Entre as imagens da igreja e da sacristia merecem referência especial a Santa Teresa do séc. XVII, a Nossa Senhora do Rosário e a Santa Margarida, com movimento e vida, do séc. XVIII. As duas pias batismais são manuelinas (séc. XVI).

CAPELA DE SÃO LUÍS²³

Construída no início do séc. XV, sofreu alterações que lhe deram o carácter atual de templo rural ao gosto do séc. XVIII. No interior singelo guarda quatro curiosas telas descrevendo a vida do santo, de feitura popular (séc. XVIII).

FONTES PEQUENA E GRANDE

Nascentes que, durante séculos, foram local de encontro das mulheres da aldeia para encherem os cântaros de água e lavarem a roupa. Hoje são um local aprazível, sempre fresco, com árvores frondosas, mesas e bancos de pedra, convidando a momentos de repouso ou a um piquenique.

RIBEIRA DE ALTE E SEUS MOINHOS

As águas das fontes Pequena e Grande, que dão origem à ribeira de Alte, fizeram mover os nove moinhos da aldeia. Alguns já desapareceram, estão em ruínas ou foram adaptados a novas funções. Restam, ainda, o moinho da Abóbada, que se sabe já existir no séc. XIII, e os trabalhos de desvio da ribeira e construção da vala que levava a água aos moinhos, realizados no séc. XVII. Na ribeira de Alte existe uma pequena cascata - a Queda do Vigário - com 24 metros de altura.

ENCANTOS À VOLTA DE ALTE

Se Alte é a mais típica aldeia algarvia, o espaço que a rodeia apresenta, também, atrativos que merecem uma visita. Como o moinho de Águas Frias, junto à ribeira de Arade, que ainda mói farinha; o minimuseu rural de Malha Ferro, que guarda antigas alfaías agrícolas e objetos de uso doméstico tradicionais; as bonitas chaminés rendilhadas de Monte Brito e Esteval dos Mouros; o miradouro da Rocha de Soidos, escavada por ampla gruta; a aldeia abandonada da Rocha Amarela, esquecida no meio de colinas; as minas de cobre de Atalaia, Cascalheira, Sarradas e Cerca da Mina exploradas em tempos pré-históricos; ou ainda os muitos antigos moinhos de vento que, no alto de montes, marcam os locais com vastos horizontes.



ALMANCIL

A capela e o espaço circundante, que integra uma galeria de arte em antigos edifícios cuidadosamente preservados, mantém muito do carácter e encanto do antigo Algarve.

CAPELA DE SÃO LOURENÇO DOS MATOS¹⁶

O facto de ter ocorrido um milagre quando, em 1722, se procurava água, levou à construção da capela.

Estrutura arquitetónica barroca, de que se destacam a cúpula elegante e os painéis de azulejos localizados sobre o portal principal e na retaguarda da capela-mor.

Os azulejos que revestem as paredes, a abóbada e a cúpula historiando a vida do Santo - produzidos em Lisboa, em 1730 - formam um dos mais extraordinários conjuntos em Portugal, dando à capela um lugar ímpar na história da arte. De realçar a harmoniosa integração dos azulejos com o retábulo em talha dourada do altar-mor e com os elementos decorativos do arco triunfal e da base da cúpula.

Bom núcleo de imagens dos sécs. XVII e XVIII na igreja, na sacristia - que tem um valioso arcaz com decoração - e na sala anexa.

Perto, em São João da Venda, a antiga igreja guarda alguns elementos da arquitetura manuelina (séc. XVI) no denticulado exterior e na abóbada do altar-mor, bem como um retábulo com pinturas do final do mesmo século.

BARRANCO DO VELHO

Uma formosa igreja⁽¹⁹⁾ ao gosto rústico algarvio, construída em 1944, alveja no cimo de um monte e convida a uma visita. O seu adro é também um dos mais maravilhosos miradouros do Algarve, abrangendo vastos horizontes de montes cobertos de sobreiros e muito mais além de quase, Loulé, Salir e Alte. Nas serranias em volta, pitorescas casas de paredes de pedra à vista, de forma redonda e cobertas de colmo, que hoje são palheiros, evocam as habitações pré-históricas da região.



UM ITINERÁRIO ARQUEOLÓGICO

Para os interessados na pré-história, o dólmen do Cerro das Pedras, o menir caído de Alagoas em pedra calcária trazida de longe, ambos nas proximidades de Salir, e as antas do Beringel e Pedra do Alagar (Ameixial) são vestígios que recuam até ao período Megalítico.

Da ocupação romana, a “villa” rústica do Cerro da Vila (séc. III), em Vilamoura, é o principal testemunho, pelos mosaicos que revestem alguns compartimentos e pela estrutura do balneário. O local foi habitado desde o séc. I até ao séc. XI, durante o domínio muçulmano. Seguem-se as pontes de Tor, sobre a pitoresca ribeira de Algibre, com cinco arcos e fortes talha-mar, a de Barão, com apenas quatro arcos, sobre a ribeira de Quarteira, e perto de Loulé a de Álamos, mais modesta nos seus dois arcos.

Junto ao litoral, a estação arqueológica de Loulé Velho, com vestígios de tanques de salga de peixe, é mais uma confirmação da intensa atividade piscatória desenvolvida no Algarve, durante séculos, pelos romanos.



DAS PRAIAS À SERRA DO CALDEIRÃO

Primeiro, são os areais extensos onde os corpos se bronzeiam e a vida toma a cor do Sol. Depois, os campos quase planos sombreados pelos pinheiros e pomares. Quando a paisagem se desdobra em colinas suaves e redondas e começam a predominar as figueiras, as amendoeiras, as alfarrobeiras e as frescas hortas, estamos no Barrocal. É altura de apreciar as casas com platibandas coloridas de povoações como Boliquireme, com a sua igreja branca no topo de um cerro, as margens salpicadas com o rosa pálido dos aloendros da ribeira de Algibre.

A serra do Caldeirão, sem ser alta – altitude máxima próxima dos 600 metros –, domina o espaço do concelho de Loulé, abrindo amplas perspetivas ao virar de cada curva, no alto de cada monte. Nas encostas e vales escondem-se povoações pequenas e pitorescas e, de vez em quando, surgem as “naves” onde crescem laranjeiras, figueiras e amendoeiras e medram o milho e o feijão. Tudo o resto são extensões de sobreiros, medronheiros, estevas, urzes e rosmaninho, onde o ar puro tem um perfume silvestre.

Nos vastos espaços de serra não falta a companhia das aves de rapina e das aves canoras, raposas, javalis e coelhos, que criam, assim, motivos adicionais de interesse para os que desejam descobrir a beleza de um Algarve tantas vezes esquecido.

OS PRAZERES DO MAR E DO SOL

Um areal extenso permitiu transformar todo o litoral num centro de férias de sol e praia, em que se localizam algumas das melhores estruturas turísticas do Algarve.

Quinta do Lago

Praia longa com acesso pedestre por meio de ponte sobre a Ria Formosa. Integra uma estância turística de nível internacional.



Garrão

Praia extensa bordejada por falésias coloridas. Equipamento de apoio.

Vale do Lobo

Praia de uma beleza única pelas suas falésias ocre e rubras. Rodeada por um complexo turístico de qualidade.



Quarteira

Antiga aldeia de pescadores, transformou-se num centro turístico cosmopolita. Do seu passado guarda uma igreja do séc. XVII e algumas casas decoradas com platibandas.



Vilamoura

A praia acolhedora juntou-se uma urbanização turística que se situa entre as maiores e melhores da Europa.



DOS TRABALHOS DE COBRE AOS ARREIOS COLORIDOS

Muitas das tradições artesanais do Algarve mantêm-se vivas em Loulé. Comprovam-no os que trabalham o cobre, o ferro e a madeira e fazem peças de latoaria quase caídas no esquecimento.

Comprovam-no ainda os que moldam o barro em múltiplos objetos úteis e decorativos e os que criam simpáticas bonecas de trapo e juta.

Um pouco por todo o concelho, o artesanato está também presente. A empreita, entrançado das folhas das palmeiras anãs com que se fazem chapéus, alcofas, capachos e tantos objetos úteis, continua a ocupar as mulheres de muitas aldeias. Em Almancil e nas Quatro Estradas, as olarias continuam a produzir as velhas e novas formas do barro vidrado e colorido. Os antigos teares de madeira ainda funcionam para tecerem coloridas mantas. O esparto, que em tempos ocupava centenas de mulheres, é transformado em capachos, alcofas e objetos decorativos em Sarradas e Salir e é exposto em Alte, na Casa da Memória, que ao pequeno museu juntou uma oficina de cerâmica. Em Torre, fabricam-se brinquedos de madeira e no Cerro costureiras fazem trajos inspirados no vestuário antigo.



Cobre - TA



COZINHA COM SABOR A MAR E SERRA

O peixe fresco é um dos prazeres da mesa oferecidos por Quarteira, terra de pescadores.

Têm merecida fama a sardinha assada e outros peixes grelhados. O mar está também presente nas receitas tradicionais do carapau de tomata, das lulas com ferrado, da sopa de pão com conquilhas, de creme de camarão e de arroz de polvo.

O interior, porém, domina a cozinha de Loulé. Em mais de uma dezena de receitas quotidianas, as ervilhas, o grão, o milho, os chicharos, as favas e o feijão locais têm lugar de honra. Para os dias de festa, o paladar apura-se na lebre com vinho branco, na galinha cerejada de Loulé e na carne de porco

frita, condimentada com alhos, louro, pimenta, cravinho, pimentão-doce e limão.

Nos doces, não devem ser esquecidos os bolos de faca, de prata e de chila, ricos em ovos e açúcar, os bolinhos e queijinhos de amêndoa, o folar e os mexericos de Boliqueime, as cavacas e os esquecidos de Alte.

Da serra vêm ainda o mel de flores silvestres, os queijos de cabra e a sempre deliciosos aguardente do medronho colhido por entre os matagais.

De referir também a produção de licores, doces e compotas, feitos à base de uma variedade de produtos locais que vão desde os frutos às ervas aromáticas da região, provenientes de Querença e Benafim.



Marina de Vilamoura - MV

